

FACULDADE SÃO BENTO

Edwirges Cássia de Macedo

**A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DAS BEM-AVENTURANÇAS
COMO UM CAMINHO DE RECONSTRUÇÃO SOCIAL.**

São Paulo

2017

Edwirges Cássia de Macedo

**A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DAS BEM-AVENTURANÇAS
COMO UM CAMINHO DE RECONSTRUÇÃO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do título
de Bacharel em Teologia na Faculdade de São
Bento.

Orientador: Prof. Ms. Frei Márcio Alexandre
Couto

São Paulo

2017

Edwirges Cassia de Macedo

**A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DAS BEM-
AVENTURANÇAS COMO UM CAMINHO DE
RECONSTRUÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de São Bento,
como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em
Teologia.

Orientador: Prof. Ms. Márcio Alexandre Couto

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 30/11/2017, pela banca
examinadora:

Prof. Ms. Márcio Alexandre Couto

Prof. Dr. Domingos Zamagna

Prof. Dr. João Luiz Palata Viola (Dom Loureço)

Dedico este trabalho aos meus pais Roseli e Acássio, com quem experienciei de forma humana o amor Divino. Dedico igualmente às Irmãs Missionárias da Consolata, mas de forma especial: Ir. Maria Conceição Nascimento da Silva, Ir. Melania Lessa, Ir. Dinalva Moratelli, Ir. Cecília José França Costa, Ir. Emma Leonor Rodrigues, Ir. Angelina Deretti, Ir. Maria Costa, Ir. Edite Cobalchini, Ir. E Domenica Marchiaro, modelos de serviço e doação.

AGRADECIMENTOS

Inspira-me sempre um pensamento do Bem Aventurado José Allamano, Fundador da Família Missionária da Consolata, que confia às Irmãs: “O Espírito Santo fala com sussurros; assim, também vocês devem sussurrar para que vossas palavras sejam escutadas por aqueles que estão longe (Cf Irmãs, 20/051917).”

Desejo, portanto, que estas minhas palavras sejam um sussurro com tal alcance. Agradeço a Deus pelo inestimável dom da vida; a meus pais Roseli e Acácio por me permitir a vida, encaminhar-me nos valores evangélicos e ajudar-me na descoberta da vocação religiosa; aos meus irmãos Ana Paula, Letícia e Pedro Macedo por proporcionarem momentos de partilha e aprendizagens. Agradeço também à Congregação das Irmãs Missionárias da Consolata na pessoa de Ir. Anair Voltolini, que me deu a possibilidade dos estudos; à faculdade de Teologia e ao Mosteiro São Bento na pessoa do Prof. Dr. Frei André Boccato, Prof. Dr. Gabriel Frade, Prof. Dr. Dom Isidoro, Prof. Dr. Domingos Zamagna, Prof. Dr. Alexandri Awi, Prof. Rita de Ló, Prof. Dr. Magno Vilela, Prof. Dr. Sergio Ribaric, Prof. Dr. Dom Hildebrando, Prof. Dr. Dom Lourenço, Prof. Dr. José Eduardo, Prof. Dr. Danilo Mondini, Prof. Dr. Rogério Neves, e, de forma especial, ao orientador, Prof. Dr. Frei Márcio Couto, homem o qual tem minha estima. Agradeço também às contribuições da Professora Ms. Maristela Tezza e Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior.

A todas as pessoas, colegas de estudos, especialmente, com quem convivi nestes últimos quatro semestres e que contribuíram com o meu crescimento integral como pessoa, de maneira excepcional, a Ir. Orália Lopez e Lopez, Andréa Leite de Carvalho e Lígia Cipriano, irmãs de coração; e às pessoas especiais que partilharam comigo sua caminhada ao longo do curso: Irmã Maria Lúcia Laranjeira, Irmão Rodrigo Santos e Sandra Léa.

Os fariseus, ouvindo que ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se em grupo e um deles- a fim de pô-lo à prova- perguntou-lhe: Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Ele respondeu: “*Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22, 34-39)*”.

RESUMO

O presente trabalho faz uma rápida passagem à Primeira Comunidade Cristã do Evangelista Mateus, para perceber como encontrou, através da espiritualidade das Bem aventuranças, uma alternativa de vivência da fé que abraçou, no meio dos enormes desafios sociais e teológicos em que se encontrava. A finalidade é descobrir a identidade do cristão que vive as bem aventuranças na lógica do Reino anunciado por Jesus e a identidade da comunidade que se sente abençoada, feliz, porque descobre uma força divino-humana operando no meio das contradições sociais na realidade em que vive. Em outras palavras, a Presença misericordiosa e consoladora de Jesus, o Emanuel, que a acompanha sempre. Verificou-se uma vasta bibliografia, ampliou-se o tema com estudos, diálogos e reflexões em sala de aula e confrontou-se com a experiência de vida e oração numa comunidade da periferia de São Paulo. Não se resolveram todas as interrogações, convenceram, porém, que há uma ponte entre o Evangelho das Bem aventuranças e as questões sociais que afligem também a nossa sociedade atual. O/a discípulo/a de Jesus “Bem Aventurado/a” é aquele que reconhece os diferentes grupos de marginalizados da sociedade, escuta ainda hoje a mensagem contra corrente, desconcertante e desafiadora das Bem Aventuranças e caminha em direção a um horizonte de esperança. O Reino é o projeto na primeira e última bem aventurança (Mt 5,3.10). Reino já presente em todos os gestos de solidariedade e partilha, mas ainda em processo de vir a ser, pois, a Justiça de Deus está ainda longe de ser realizada. Enfim, a alternativa que se apresenta é clara: o caminho da Justiça do Reino é o caminho da santidade, vivência integral da lógica da espiritualidade das bem aventuranças como reconstrução social.

Palavras chaves: Bem-aventuranças, Espiritualidade, Reino de Deus, Justiça, Reconstrução Social.

ABSTRACT

The present work makes a rapid passage to the First Christian Community of the Evangelist Matthew, to see how it found through the spirituality of the Beatitudes an alternative of living the faith it embraced in the midst of the enormous social and theological challenges in which it found itself. The purpose is to discover the identity of the Christian who lives the beatitudes in the logic of the Kingdom announced by Jesus and the identity of the community that feels blessed and happy because it discovers a divine-human force operating in the midst of social contradictions in the reality in which it lives. In other words, the merciful and consoling Presence of Jesus, the Emmanuel, who accompanies her always. After consulting a great bibliography, the subject was expanded with studies, dialogues and reflections in the classroom and faced with the experience of life and prayer in a community on the outskirts of São Paulo. All the questions were not resolved, but they convinced that there is a bridge between the Gospel of the Beatitudes and the social issues that afflict our present society. Jesus "Blessed One" disciple is one who recognizes the different groups of the marginalized in society, still hears the message of the beatitudes, message still against the current, disconcerting and challenging and moves towards a horizon of hope. The Kingdom is the project in the first and last beatitude (Mt 5: 3-10). Kingdom already present in all gestures of solidarity and sharing, but still in process of coming to be, therefore, the Justice of God is still far from being realized. Finally, the alternative that is presented is clear: the path of Kingdom of Justice is the path of holiness, an integral experience of the spirituality of the beatitudes as social reconstruction.

Key Words: Beatitudes, Spirituality, Kingdom of God, Justice, Social reconstruction.

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO I	11
1.1 Evangelho de Mateus: Ano e autor	11
1.2 Contexto	12
1.2.1 A Lei	13
1.2.2 A comunidade de Mateus	14
1.3 Estrutura do Evangelho	15
1.3.1 Os discursos	16
1.3.2 A obra de Mateus	17
CAPÍTULO II	21
2.1 O que significam as Bem-aventuranças	21
2.2 Aproximando-nos do sentido dos versículos	23
- 5,1-2:	23
- 5,3	24
- 5,4	27
- 5,5	27
- 5,6:	29
- 5,7	30
- 5,8	31
- 5,9	32
- 5,10	33
CAPÍTULO III	35
3.1 As correntes de espiritualidade hoje	35
3.2 Os significados da palavra Espiritualidade	36
3.3 A espiritualidade a partir das bem-aventuranças como um caminho de reconstrução social	39
3.4 Uma proposta	43
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

Introdução

A espiritualidade se torna muito presente na realidade de hoje. Embora não consiga reconstruir as pessoas e nem mesmo ser modelo alternativo de transformação social, pois, virou modismo. É muitas vezes, superficial. A espiritualidade, baseada na individualidade, virou sedativo às causas mais profundas e urgentes da nossa sociedade. Falta uma real noção de realidade a partir de uma espiritualidade concreta e eficaz na construção do reino de Deus.

As bem aventuranças como programa de vida, como apelo moral capaz de mudar em potencial primeiramente o indivíduo em seu ser integral que busca por felicidade verdadeira e eficaz, então transformará também as estruturas (ou conjuntura) dos tecidos sociais construindo a partir desta, o reino de Deus que já começa aqui. Ou seja, a bem-aventurança, como sinal de esperança e reconstrução social, deve passar pela via religiosa, social e política.

A realidade como a encontramos agora, sendo construída em bases não solidas, está à beira de um precipício. É uma concepção individualista, que deixa à margem seus semelhantes. É uma sociedade líquida¹ que busca no agora, constantes progressos sem, contudo considerar a ética e a dignidade da pessoa, afinal, nem todo o progresso é ético. É uma sociedade excludente que legitima muitas de suas perversidades através de leis que também não são éticas e nem busca o bem social. Será com este enfoque que nos ocuparemos neste trabalho.

¹ O termo “Sociedade líquida” é usado por Bauman para designar a fluidez das relações em nosso mundo contemporâneo como imediatas, sem bases solidas, onde emerge o individualismo e a efemeridade das relações: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: Ed. Zahar, 1999.

CAPÍTULO I

Em nosso trabalho nos propomos apresentar “a espiritualidade a partir das bem aventuranças como caminho de reconstrução social”. Para tanto sentimos a necessidade de nos aproximarmos do contexto e da realidade da comunidade do evangelista Mateus que nos transmitiu essa memória. Nosso objetivo de partir da apresentação do Evangelho é nos aproximarmos da realidade desta comunidade, a de Mateus, e a começar daí perceber como esta perícopes fortaleceu a comunidade em sua espiritualidade e serviu como inspiração para a vivência de propostas alternativas de comunidade e de relações sociais.

Para tanto, partimos de uma leitura do Evangelho, não como textos de narrativas históricas, mas sim conforme nos diz Brancher:

Os escritos dos evangelhos não são históricos, mas são interpretações teológicas. Os redatores organizaram as narrativas como forma de oferecer uma interpretação às comunidades cristãs da época, frente aos desafios que emergiam na sociedade. Toda a narrativa bíblica é uma interpretação de fé que os redatores propõem para o discipulado de Jesus como boa notícia do Reino de Deus. O texto resguarda elementos típicos da fala, da linguagem e da identidade de quem produz o escrito e expressa a influência da realidade onde está inserido.²

Por isso, tentaremos, na medida do possível, neste primeiro capítulo, nos aproximar da comunidade que está por trás do Evangelho, para entendermos melhor o texto das Bem-aventuranças do capítulo 5.

1.1 Evangelho de Mateus: Ano e autor

Atualmente existe uma concordância de estudos a respeito do ano e lugar em que o Evangelho de Mateus foi escrito. Ao que tudo indica, foi escrito por volta dos anos 80 d.C na cidade de Antioquia: “A comunidade em que o autor vive é, com muita probabilidade, Antioquia, na Síria (Cf. At 11, 19-26; 13 1), capital da província romana, terceira cidade do Império, depois de Roma e Alexandria.”³ O autor seria um escriba judeu que passou a fazer parte do Movimento de Jesus, helenista de fala e cultura grega, conhecedor da Bíblia Hebraica (versão grega – Septuaginta ou LXX) e todas as tradições

² BRANCHER, Mercedes. Maria entre as mulheres: Perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora. São Paulo: Ed. Paulus, 2009. p. 55.

³ MARCONCINI, Benito. Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia. 3 ° edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007. pp. 122.

cristsãs existentes.⁴O autor teria usado como fontes diretas o Evangelho da Galiléia, documento este chamado Q e o evangelho de Marcos (+-70), e algumas tradições próprias que encontrou em Antioquia, Síria e Galiléia, provavelmente da tradição oral ou de pequenos panfletos. Ele faz uma síntese de Q e de Marcos e provavelmente de outras tradições como a de Paulo de Tarso e a tradição judeu-cristã de Tiago, conforme, Richard (1997).⁵ Desta forma, o Evangelho de Mateus é uma síntese de várias fontes após a destruição de Jerusalém na guerra dos anos 66-74 d.C. Ainda Segundo Richard (1997), o nome do Evangelho de Mateus seria uma atribuição posterior, colocando a obra sob a autoria de um discípulo que esteve em contato direto com Cristo, dando ao evangelho, credencias de confiabilidade.⁶

Diante do quadro apresentado até aqui se percebe que, por traz do texto não existe apenas uma pessoa ou um grupo de pessoas responsáveis pela redação, mas, também cinquenta anos de tradição oral das comunidades cristãs da Galiléia, Síria e Antioquia, assim, pode se considerar que muitos homens, mulheres, profetas cristãos/ãs participaram implicitamente na criação deste Evangelho, propulsor das comunidades dos anos 80.⁷

1.2 Contexto

O Evangelho pertence à segunda geração do movimento de Jesus. Nos anos 80 acredita-se que já haviam morrido todos os/as discípulos e discípulas que tiveram contato direto com Jesus. Desta forma, restava apenas a tradição oral, e talvez algumas memórias guardadas em pequenos panfletos, frases; era necessário pô-las por escrito para que não se perdessem, ao mesmo tempo que serviam para esclarecer, fortalecer e guiar as comunidades.

No período em que a comunidade escreve sua obra, Jerusalém já tinha sido destruída pela guerra judaica contra Roma nos anos 70. O Israel bíblico desaparecia, fundamentado na Lei, Templo, Sacerdote e a cidade de Jerusalém. De toda essa

⁴ Cf. RICHARD, Pablo (org.). O Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. O Evangelho de Mateus: A Igreja de Jesus, utopia de uma Igreja nova. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana , nº 27, São Paulo: Ed. Vozes. 1997. pp. 7.

⁵ *Ibide.*, p.8.

⁶ *Ibide.*

⁷ *Ibide.*

construção identitária resta somente a LEI. Os fariseus então fundam a Academia de Jamnia, onde se dedicaram a comentar a Lei. Desta forma, nasce e se desenvolve o chamado judaísmo rabínico (com suas obras Misha e Tamuld). Segundo Overman: “Os fariseus, sem dúvida, desempenharam um papel no que viria a se tornar o judaísmo rabínico. Além disso, os rabinos, de fato, reconhecem uma forte conexão com os fariseus na reconstrução de sua história.”⁸

Antes da guerra, existia um pluralismo de tendências e tradições judaicas como os zelotas, saduceus, fariseus, herodianos, essênios e os movimentos proféticos e messiânicos populares; depois da guerra, passa a existir somente uma tradição majoritária, o farisaísmo, apresentando uma interpretação única da lei que excluía todas as demais tendências. Assim, todos os grupos e movimentos judaicos que antes podiam se manifestar e apresentar sua forma de compreensão e interpretação da tradição: leis, profetas, templo... a partir de agora passam a ter grandes conflitos com este tipo de judaísmo rabínico impositivo, e, gradativamente, são expulsos das sinagogas. Dentre estes grupos está o Movimento de Jesus, realidade está apresentada pela comunidade de Mateus (Mt 10). Por conta do contexto de perseguições, a comunidade de Mateus lutava para sobreviver e consolidar suas crenças e suas vidas.

A comunidade de Mateus desenvolveu papéis no grupo, posições de autoridade, e articulou uma defesa de sua posição em relação à lei judaica, o futuro do povo de Deus e a liderança judaica naquele ambiente. Esses procedimentos e desenvolvimentos serviam ao propósito de instruir e defender a comunidade (...) essas construções e instituições são respostas a ameaças e desafios a comunidade e sua vida vindos de fora (...) muitos dos desenvolvimentos sociais da comunidade de Mateus...compreendidos como respostas à ameaça mais imediata que a comunidade enfrentava, ou seja, o judaísmo formativo, que estava se desenvolvendo e ganhando influência no ambiente de Mateus.⁹

1.2.1 A Lei

A Escritura e a Lei tiveram um papel importante para a consolidação do Judaísmo após os anos 70. O movimento de Jesus, dentro desta situação, procura reconstruir a tradição de Israel de uma forma diferente daquela colocada pelo judaísmo farisaico. “Para as comunidades cristãs de Antioquia, Jesus era o Messias, Filho de Deus, que conduziu a

⁸ OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 47.

⁹ *Ibide.*, p. 79-80.

história de Israel.”¹⁰ Com isso, inicia-se uma disputa pelo controle e domínio das sinagogas a partir da leitura, interpretação e transmissão da Lei e das Escrituras. A comunidade de Mateus será uma das comunidades que irá disputar com os fariseus essa possibilidade de leitura e interpretação da Lei, a partir de Jesus como o Messias. Com o passar do tempo, os cristãos de Antioquia entraram em confronto com as sinagogas controladas pelo judaísmo rabínico de Jâmnia, que, por conta disso, sofreram perseguição. É neste contexto, que nasce o evangelho de Mateus.

1.2.2 A comunidade de Mateus

Como vimos acima, a comunidade de Antioquia, formada em grande parte por judeus da diáspora e com uma pequena minoria de pagãos convertidos, é mais aberta na interpretação da Bíblia, na aplicação da Lei, no relacionamento com os pagãos do que a Igreja de Jerusalém, que é conservadora e ligada à tradição.¹¹ Neste contexto, as comunidades cristãs tiveram que se reorganizar, resistir e agir dentro da realidade de dominação socioeconômica e político-cultural romana. Depois da guerra, os/as cristão/ãs tiveram que enfrentar também a hostilidade do rabinismo judaico nascente.

Na realidade, foi então que o judaísmo, dominado pelos Fariseus depois da destruição de Jerusalém, procurou reorganizar-se para não desaparecer e tomou decisões drásticas, no sínodo de Jamnia, na costa mediterrânea, próximo a Jope. Ficou estabelecido o “cânone” das escrituras, foram impostas observâncias obrigatórias e ritos irrealizáveis por parte dos cristãos, foi prescrito o uso dos Setenta, até que em 80 foi introduzida a décima nona bênção contra os hereges (*Birkat ha-minim*), quando se discute até que ponto essa se referia aos cristãos.¹²

Por isso a comunidade cristã vai sendo excluída. Diante desses fatores, é bom reforçarmos que a comunidade de Mateus não era antijudaica. A comunidade entra em fortes conflitos com alguns grupos judaicos exatamente para se firmar como a verdadeira fonte judaica, buscando apresentar-se como a nova expressão do judaísmo formativo depois da guerra dos anos 70. “As comunidades cristãs foram expulsas das sinagogas, sendo acusadas de seitas heréticas do judaísmo, por confessarem Jesus como Messias, por colocarem em risco a reorganização judaica após a destruição de Jerusalém e suas

¹⁰ RICHARD, Pablo (org.). O Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. O Evangelho de Mateus: A Igreja de Jesus, utopia de uma Igreja nova. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 27, São Paulo: Ed. Vozes. 1997. p. 8.

¹¹ MARCONCINI, Benito. Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia. 3ª edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007. P. 123.

¹² *Ibide.*

instituições sagradas.”¹³ Ainda, segundo Reimer (2010)¹⁴: “As comunidade judaicas encontravam-se sob rigoroso controle por parte de autoridades romanas, estando sob o ‘fisco judaico’ e a repressão militar a qualquer sinal de organização e exposição ilícita”.

A comunidade de Mateus também tinha problemas internos. A exortação por uma “justiça superior” (5, 20), a dar bons frutos (7, 17), a precaver-se dos muitos falsos profetas (7, 15; 24, 11) e dos carismáticos alheios ao empenho concreto do “fazer” (7, 21), às tentações do exibicionismo (6, 1) revelam uma igreja que tem necessidade de catequese.¹⁵

Para superar as dificuldades da nova igreja nascente, a comunidade de Mateus ensina a vivência de família de irmãos (7, 1-5), pois são filhos do mesmo Pai (7, 11; 23, 9), e discípulos do mesmo mestre (23, 8). Ensina a necessidade de estar aberto ao perdão incondicional (18, 21-35). Mostra uma comunidade que vive o batismo (28,19) e a ceia, memória da última ceia (26, 26-30) e a necessidade da oração como alimento (6, 5-15; 18, 19-20; 21, 22).¹⁶

1.3 Estrutura do Evangelho

Apesar da comunidade de Mateus ter se espelhado na estrutura de Marcos, a composição e o esquema do seu evangelho é muito diferente. A narrativa da Paixão não é predominante e o mistério de Jesus torna-se mais do que um prelúdio à Paixão. Mateus inicia seu evangelho com a narrativa do nascimento de Jesus, fazendo com que o nascimento até a morte de Jesus se torne a essência do seu ministério. Este é acentuado como um ministério de ensino, que se torna de fundamental importância para a igreja. Os ensinamentos de Jesus, em Mateus, ganham mais peso em relação aos milagres realizados por Ele, apresentados em cinco grandes discursos.¹⁷ Na composição desses discursos, vale-se de materiais extraídos do Evangelho de Ditos Q, também tirados de Marcos e de uma fonte especial como vimos no começo deste capítulo.

¹³ REIMER, Ivone Richter. Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: Contribuições para um mundo globalizado. Goiás: Ed. Oikos, 2010. p. 20.

¹⁴ *Ibide.*

¹⁵ MARCONCINI, Benito. Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia. 3^o edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007. p. 125.

¹⁶ Cf. *Ibide.*

¹⁷ Cf. KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Ed. Paulus, 2005. Vol 2. p. 188-189.

1.3.1 Os discursos

Os cinco discursos são: o discurso da montanha (5-7), o discurso do envio dos doze (9, 35-11,1), o discurso das parábolas (13, 1-53), o discurso sobre a vida comunitária (18, 1-19,1) e o discurso escatológico (24, 1-26,1). Cada discurso termina com a sentença: “*Aconteceu que ao Jesus terminar essas palavras....*”. No entanto, o último discurso termina com a seguinte frase: “*Quando Jesus terminou essas palavras todas....*” Segue-se, de imediato, o conselho de morte dos hierarcas (26, 1-2).

O discurso do sermão da montanha já constituía 30 por cento da unidade Q, preservada do “sermão da planície” de Lucas (6, 20-49). O discurso do envio dos discípulos (Mt 9, 35-11, 1) liga o discurso relacionado ao de Marcos 6, 7-11 com várias unidades de Q (= Lc 10,1-12; 12, 2-9.51-53;14, 26-27) e com materiais especiais (Mt 10, 17-25). A maior parte do conteúdo das parábolas compiladas em Mateus, provem de Marcos 4. Não obstante, Mateus acrescenta outras parábolas. As indicações para a comunidade de Mateus (18) estão fundamentadas em materiais de Marcos 9, 33-48, mas, são, em especial, composições de Mateus. “Os cinco discursos são composições de Mateus, que aproveitou materiais tradicionais que em geral já estavam reunidos em unidades menores de ditos.”¹⁸

O discurso escatológico reproduz Marcos 13 em sua primeira parte; na segunda parte, Mateus acrescenta mais material, especialmente parábolas escatológicas. Além desses cinco grandes discursos, há inúmeras unidades menores de ditos, que Mateus reproduz a partir de suas fontes sem maiores alterações: o discurso sobre João Batista, de Q (Mt 11, 2-19=Q/Lc 7, 18-35), os ditos sobre pureza, de Marcos (Mt 15, 1-20 = Mc 7, 1-23), os ditos sobre sofrimento e discipulado, também de Marcos (Mt 15, 1-20 = Mc 8, 43-9,1) e o discurso contra os fariseus, de Q (Mt 23, 1-26 = Q/Lc 11, 37-52).¹⁹

Mateus vai além de apenas fazer referências de materiais tradicionais, ou de apenas ampliar palavras de Jesus acrescentando expressões das Escrituras (9, 13; 12, 5-7. 40; 21, 16), mas, muitas vezes, aponta fatos de que eventos relatados cumprem profecias: “*Isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito (pelo profeta)*”. Ainda segundo a citação de Koester²⁰: “Essas assim chamadas citações formuladas ressaltam particularmente a narrativa do nascimento, na qual foram inseridas quatro referências à

¹⁸ *Ibide.*

¹⁹ *Ibide.*

²⁰ *Ibide.*, p. 191.

realização da profecia (1,22; 2, 15.17, 22), e a narrativa da Paixão , que inclui mais três (21, 4; 26, 56; 27, 9)”.

Na narrativa do ministério de Jesus, elas são citadas moderadamente, sublinhando momentos importantes: o início da pregação de Jesus (4, 14), para a atividade de cura de Jesus (8, 17), por ocasião da cura da multidão, finalizando com a frase: “*E no seu nome as nações porão sua esperança*” (12, 17) e assinalando a rejeição daqueles para quem as parábolas estão ocultas (13, 14).²¹ A comunidade, frente às perseguições e exclusões sofridas pelos fariseus que controlavam quase todas as sinagogas, precisava esclarecer, encorajar, animar, fortalecer a vida e a perseverança de suas comunidades.

Os textos escriturais citados com essa formula não são extraídos da versão dos Setenta, mas resultam da atividade escribal de pessoas versadas tanto em hebraico quanto em grego, a “Escola de São Mateus”. Esses esforços e estudos podem ter tido certa importância em controvérsias com rabinos esclarecidos, mas eles têm como alvo principal o mundo pagão, com o objetivo de mostrar que o nascimento, ministério de morte de Jesus pertence a um plano escatológico global divino que está documentado nas escrituras de Israel e que agora se realizou e se tornou uma mensagem que diz respeito a todas as nações.²²

1.3.2 A obra de Mateus

Apresentaremos uma visão de toda a estrutura do evangelho, até chegarmos a nossa perícopes 5, 1-12, para compreendermos que o discurso do Sermão da Montanha faz parte de uma construção textual, e que as Bem-aventuranças são somente sua introdução. Não temos a pretensão de apresentar uma estrutura definitiva, mas a que iremos seguir. Também não é o objetivo deste trabalho falar sobre todo o Sermão da Montanha. Iremos nos deter somente na perícopes de nosso trabalho.

A estrutura que apresentaremos a seguir nos dará a noção do conteúdo e suas divisões. Em todo o livro, percebemos dois gêneros literários: os relatos de alguns fatos ou episódios, mas também os discursos de Jesus. Entre um e outro está o exemplo do

²¹ Cf. KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Ed. Paulus, 2005. Vol 2. p. 191.

²² *Ibide.*

sermão da montanha. Assim é uma forma de transmitir a mensagem. Vejamos as divisões colocadas segundo Schlaepfer (2014) ²³:

Introdução

1,1-17: Jesus realiza as promessas do antigo testamento

1,18-2,23: Jesus começa um novo êxodo

Primeira parte: Justiça do Reino

3-4: Narração – A prática de Jesus

5-7: Discurso – O sermão da montanha

Segunda parte: Justiça que liberta os pobres

8-9: Narração – Os sinais do Reino

10: Discurso – O sermão da missão

Terceira parte: A justiça provoca conflitos

11-12: Narração – As Reações diante da prática de Jesus

13,1-52: Discurso – O sermão das parábolas

Quarta parte: O novo povo de Deus

13,53-17,27: Narração – O seguimento de Jesus

18,1-34: Discurso – O sermão da comunidade

Quinta parte: A vinda definitiva do reino

19-23: Narração – O Reino de Deus é para todos

24-25: Discurso – O sermão da vigília

Conclusão

26,1-27,56: Paixão e morte de Jesus

27,57-28,20: A Ressurreição de Jesus.

Nesta divisão, podemos observar uma intenção claramente teológica, buscando uma aproximação do Evangelho de Mateus com as tradições judaicas: São cinco partes (lembrando os cinco livros do Pentateuco ou da Torá). Agora, se juntarmos os dois gêneros literários: narrativa e discurso, temos então 10 blocos literários lembrando o decálogo ou mesmo as dez etapas da história da Salvação: criação patriarcas, libertação, tribos, monarquia, divisão do reino, exílio, pós exílio, macabeus e Jesus Cristo. Por fim, se acrescentarmos a introdução e a conclusão, teremos então 12 partes, lembrando as doze tribos de Israel ou olhando para o NT, os doze apóstolos que formam o novo povo de Deus²⁴.

²³ SCHLAEPFER, Frederico, Carlos. A estrutura do Evangelho de Mateus. Disponível em: <<http://www.itf.org.br/para-conhecer-a-estrutura-do-evangelho-de-mateus.html>>. Acesso em 22, setembro de 2017.

²⁴ *Ibide*.

“A ênfase de Mateus pode relembrar os cinco livros de Moisés, mas Jesus não é designado o novo Moisés. Mateus coloca Jesus como intérprete que radicaliza a lei mosaica e exige obediência perfeita, não obstante, esta obediência não pode ser vista como algo difícil de ser vivida.”²⁵ A perícopre que vamos estudar é 5, 1-12, que faz parte da segunda parte do evangelho, e é a introdução do primeiro discurso: Sermão da Montanha 5-7. O evangelho de Mateus está dividido em cinco capítulos; a perícopre se encontra na segunda parte do evangelho: “Revelação de Jesus, rejeição dos dirigentes de Israel e construção da Igreja” - 4, 17-16, 20. Esta estrutura antecede o bloco do sermão. Estrutura do bloco 5 a 7.

- 1- Sermão da montanha (5, 1-7, 29)
- 2- A comunidade que vive as bem aventuranças (5, 11-16)
- 3- Jesus aperfeiçoa a tradição (5, 17-48)
- 4- Religião hipócrita e Reino dos Céus (6, 1-18)
- 5- Dinheiro-riqueza e Reino dos Céus (6, 19-34)
- 6- Regras de comunidade (7, 1-12)
- 7- Discernimento e juízo (7, 13-27)²⁶

Concluimos que o evangelho de Mateus é uma construção teológica que leva a uma interpretação de fé das comunidades cristãs da época, diante dos desafios existentes. A discussão gira em torno da autoria da obra mateana, entre um cristão procedente do judaísmo e versado nas escrituras ou vários autores dentre a comunidade cristã. Não obstante, o que pode se afirmar é que seu Evangelho provém do mundo judaico. O contexto em que surgiu o Evangelho é um dos períodos mais turbulentos da sua história: Jerusalém é arrasada no ano 70 e, com ela, o Templo, o sacerdócio e boa parte do mundo conhecido por Jesus e seus discípulos, era o fim de “um mundo”. Os únicos movimentos sobreviventes eram os farisaicos e o movimento de Jesus, em situação de grandes conflitos entre eles.

²⁵ KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Ed. Paulus, 2005. Vol 2. p. 192.

²⁶ Estrutura baseada na seguinte bibliografia: RICHARD, Pablo (org.). O Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. O Evangelho de Mateus: A Igreja de Jesus, utopia de uma Igreja nova. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 27, São Paulo: Ed. Vozes. 1997. pp. 12-14.

A comunidade de Mateus, nesta situação, procurará reconstruir a tradição de Israel diferente daquela colocada pelo judaísmo farisaico. Com isso, inicia-se uma disputa pelo controle e domínio de status de novo Israel - interpretação e transmissão da Lei e das Escrituras, buscando apresentar-se como a nova expressão do judaísmo formativo seguida de perseguição por alguns grupos da elite farisaica. Assim, chegamos à estrutura do evangelho de Mateus que tem como objetivo mostrar que a perícopes ao qual se ocupa este trabalho, está dentro de uma construção textual, dentro, portanto, de um contexto, e que as Bem-Aventuranças são somente sua introdução.

No próximo capítulo, entraremos no que de fato significa o sermão da montanha, trabalhando versículo por versículo. Desta forma usamos elementos que nos direcionará para a compreensão das bem-aventuranças, enfoque que será trabalhado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

2.1 O que significam as Bem-aventuranças

“Nos lábios de Jesus, elas são antes de tudo um grito. Enraizadas nos anúncios proféticos, elas desenvolvem, em imagens, a Boa nova proclamada por Jesus: “O Reino de Deus está chegando!” “Felizes os pobres porque doravante não serão mais pobres, porque o Reino de Deus está aí!”²⁷

Como já vimos no capítulo anterior, o Sermão da Montanha tem como pano de fundo o Antigo Testamento e a releitura que Jesus faz como mestre e messias. Assim surge a nova lei do evangelho que rege o autêntico seguidor de Jesus. Jesus, em Mateus, afirma que Ele não veio para invalidar a lei. “O Sermão da Montanha não deixa dúvidas de que Jesus não veio para revogar a lei, mas para dar-lhe pleno cumprimento, e essa lei impõe aos discípulos a obrigação de cumpri-la – embora a justiça deles deva ser superior a dos fariseus (5,17-19)²⁸.”

Quando Mateus fala da justiça, ele se refere ao comportamento, atitudes e ações dos membros da comunidade, chamadas a viver as relações do Reino. Este discurso, o mais longo do Evangelho de Mateus, delinea o verdadeiro seguidor de Jesus. É este discurso que define e consolida a ação cristã e eclesial; e a centralidade desta prática é a justiça de Deus. Na bem-aventurança 5,3 a mensagem tem por beneficiários, os pobres, os de fato empobrecidos como categoria social, gente do campo e da cidade sem condições de sobrevivência digna. Excluídos tanto do sistema produtivo e de subsistência do império, como da própria estrutura judaica que os consideravam ignorantes, por não poder acessar o conhecimento da lei e seu cumprimento.

O Reino é o projeto na primeira e na última bem-aventurança (5, 3.10); no centro estão a justiça do Reino e a busca da misericórdia. Os empobrecidos deixarão de ser oprimidos, quando a justiça de Deus for colocada em prática, pois assim haverá partilha e solidariedade. Jesus os declara felizes, não pela situação de pobreza que vivem, mas porque são os preferidos de Javé, não os amaldiçoados segundo Dt 28. Mateus, com as

²⁷ LEGASSE, Simon. Caderno Bíblico Leitura do Evangelho Segundo Mateus. Santo André-SP: Ed. Academia Cristã, 2014, p. 52.

²⁸ KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Ed. Paulus, 2005. Vol 2. p. 191.

bem-aventuranças pretende assegurar a identidade de sua comunidade em um ambiente hostil.

As bem-aventuranças (...) descrevem em termos ideais os traços característicos dos membros da comunidade. Os membros devem ser humildes e persistentes nos atos de misericórdia. Devem fazer da justiça a sua meta. Esses membros são puros de coração e ávidos por “agir em prol da paz” (...). Como os profetas do antigo Israel, a comunidade de Mateus será perseguida por seu comprometimento com a justiça e com a vontade de Deus. Isso, porém, é-lhe dito, é motivo de alegria, por causa da grande recompensa que espera por eles nos céus.²⁹

O sermão da montanha é a passagem que mais evidencia a atividade de formação da comunidade de Mateus, tendo como foco primário a organização de relacionamentos e comportamentos da comunidade.³⁰ Para o judaísmo formativo a teologia da retribuição era muito forte; todo aquele que cumprisse as leis e preceitos e ofertasse boa quantia de suas posses ao templo, era bem-dito e recompensado com longevidade, muitas terras, descendência e riquezas, logo, os pobres, eram malditos porque foram castigados. As comunidades dos discípulos de Jesus, responsáveis pela formulação das primeiras tradições, compreenderam que Jesus as havia chamado a participar da insondável tensão escatológica entre as bênçãos para o presente e a realização do Reino de Deus no futuro. As bênçãos são pronunciadas no presente para os pobres, para os que choram e para os que têm fome, porque Deus não é neutro, ele assume o sofrimento do seu povo.

A bênção é um resgate da justiça que deveria ser prática na origem do judaísmo, mas, o distanciamento da religião nascente, fez esquecer este princípio. As bem-aventuranças não são apenas uma questão de conversão pessoal e de renovação moral; elas se referem à criação de um novo povo, a evidência da criação de uma nova comunidade.³¹ A comunidade de Mateus, através da proclamação das bem-aventuranças como um caminho contraposto às bem-aventuranças oficiais do judaísmo formativo, mostra como um pré-requisito à participação entre os chamados e o verdadeiro povo de Israel. Conforme Overman (1997)³², a comunidade é chamada a uma maior justiça. O sermão pode ter ocupado várias funções na comunidade de Mateus. Uma delas foi a ordenação e direcionamento da vida da comunidade.

²⁹ OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 100.

³⁰ Cf. *Ibide.*, p. 99.

³¹ Cf. *Ibide.*, p. 93.

³² *Ibide.*, p. 105.

Desta forma, o texto do evangelho de Mateus reflete a fé de uma comunidade cristã do século I, fazendo-nos entender que o Sermão da montanha tem uma estrutura sólida e ajustada à vida de uma comunidade judaico-cristã onde se traduz o ministério de Jesus em categorias religiosas, sociais e econômicas. Veremos agora versículo por versículo da nossa perícopa 5,1-12.

2.2 Aproximando-nos do sentido dos versículos

- **5,1-2:** Jesus olha para a multidão de pessoas que o seguiam, sobe ao monte, senta-se e começa a ensinar. O Reino de Deus é o centro dos ensinamentos de Jesus, que pertence aos bem-aventurados: “humildes, aflitos, mansos, os que têm fome e sede de justiça, os de puro coração e os perseguidos.” A multidão que Jesus ensinava, em sua maioria, eram pessoas simples, pobres, oprimidas e marginalizadas. Jesus sabia das condições em que essas pessoas viviam e é para elas que Ele se volta e anuncia a Boa Nova, mostrando assim que: “Deus não se esqueceu de seu povo, Ele está presente e por meio de sua justiça age na história das pessoas e da humanidade, oferecendo a todos e todas, vida em abundância”.³³ Para Carter (2002)³⁴, além de uma pequena introdução ao sermão, com a subida de Jesus ao monte, estes versículos oferecem também audiência e cenário físico: “*Vendo as multidões, subiu à montanha*”; o nome de Jesus não aparece, mas, Ele é o sujeito dos dois verbos **ver** e **subir** remetendo a muitas outras situações simbólicas na escritura.”

A ausência de um sujeito requer que a audiência revise o material prévio para localizar o sujeito em 4,17. Esta revisão une as seções e sublinha a identidade de Jesus. Jesus filho de Davi e Abraão (1,1), o Cristo (1, 17), comissionado por Deus para manifestar a presença salvífica de Deus (1,21.23), rei dos judeus e soberano (2, 2.6), filho de Deus (2,15; 3,17), oposto a e ameaçado pelas elites de governantes (cap. 2), testemunhado por João como o juiz vindouro (3,11-12), tentado pelo diabo (4,1-11), a luz (4,16), aquele que anuncia e manifesta o reinado de Deus (4,17-25).³⁵

Carter³⁶ direciona esta passagem 5, 1 aos vários momentos em que Jesus subiu a montanha, aludindo assim, aos vários significados desta: 14, 23 – montanha como lugar de oração; 15,29-31- como lugar de cura; 17, 1 - transfiguração de Jesus; 21, 1 – envio

³³ MARINHO, José Landes. Os bem-aventurados do Reino de Deus. Disponível em: <http://www.ofmsantoantonio.org/?p=4525> Acesso em: 26 de outubro de 2017.

³⁴ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 176.

³⁵ *Ibide.*

³⁶ *Ibide.*, p. 177.

dos discípulos; 24, 3 – encontro de Jesus com os discípulos. O subir a montanha também alude às nove vezes que Moisés subiu ao Sinai para receber o Decálogo. Jesus, assim como Moisés, faz a experiência passando pela água (3,13-17), encontrando tentação (4,1-11), e agora traz a revelação de Deus. Em Overman (1997)³⁷, apesar da mensagem de Jesus se dirigir à multidão, são os discípulos que se aproximam para o ensinamento mais extenso. Os discípulos são, de fato, os seguidores de Jesus:

Nos mundos judaico e greco-romano o termo remete a iniciantes e adeptos de um mestre reconhecido. Quem são seus discípulos? Os quatro irmãos chamados em 4, 18-22 e distinguidos das multidões em 4, 23-25 (e em 5, 1) são os candidatos óbvios, embora a lista de doze discípulos no capítulo 10 indique que o termo é mais aberto. Enquanto está nos doze, outros personagens comportam-se como discípulos. Assim José em 1, 18-2, 23 e as mulheres fiéis em 27, 55.61; 28, 1. O termo denota qualquer seguidor de Jesus.³⁸

- **5,3:** A palavra bem-aventurança, que no grego é “macáριοι”, na tradução hebraica é “ashrei”, e sua raiz é “ashar”. No hebraico, ela tem o sentido de: caminhar, pisar. Todos os dicionários etimológicos do hebraico bíblico dão o primeiro sentido a “ashar” como marchar; a relação com o ser feliz é uma tradução tardia (Cf. Schokel, 1997, p. 82).³⁹ Assim, a palavra bem-aventurado possui o dinamismo de colocar-se a caminho para a verdadeira felicidade. São bem-aventurados os que se descobrem escolhidos pelo Senhor, e diante dos desafios da história, entendem que apenas Deus pode abrir-lhes novos horizontes.⁴⁰ Aprofundemos a palavra pobre:

Três palavras em hebraico são traduzidas por pobres: *ani*, *ebion* e *dal*. *Ani* é traduzido por pobre; *ebion* é o indigente sem dinheiro ou recursos, desvalidos, desamparado, necessitado; *dal* é o desvalido, mísero, da classe humilde, sem meios, fisicamente é o fraco, e socialmente, o que não tem influência, prestígio e importância.⁴¹

Assim, estas três traduções referem-se ao campo econômico-social e designam pobre, indigente, necessitado; outras vezes, fazem referência ao injustiçado. Porém,

³⁷Cf. OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 100.

³⁸ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p.177.

³⁹ As Bem Aventuranças, segundo Jacques Dupont é uma fórmula de felicitações, que encontramos muitos exemplos nos Evangelhos, como em Lc 1, 45; Lc 11, 27-28; Mt 11, 6, etc. Não se trata de um desejo ou de uma promessa. Se constata a benção e se proclama” (Cf. DUPONT, 1993, p. 7)

⁴⁰ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p.33.

⁴¹ *Ibide*.

também podem designar sentimento, atitude ou sofrimento.⁴² É sempre uma categoria definida pela sua situação socioeconômica, muitas vezes vítimas de um poder iníquo e corrompido. A pobreza não é uma realidade natural, antes, é fruto de situações injustas e violência dos perversos. O Senhor se revela na história não de forma neutra ou imparcial, mas assume uma posição a favor dos pobres, reivindica seus direitos, exige justiça, e reprova toda e qualquer opressão.

A bem-aventurança do *pobre em espírito* expressa a bênção de Deus sobre os pobres e não sobre a pobreza. Não deve haver uma espiritualização dos pobres, nem como pobreza voluntária.⁴³ O texto trabalha com situações e pessoas concretas: aqueles que vivem situação social e econômica de exploração e opressão pelo poder vigente (Lv 19,10.15; Pr 14,31; 28,15). Temos outras interpretações que não levam em consideração o sentido dos termos em grego. Para Earnhart (1997, p. 17), esta bem-aventurança, não se refere aos pobres no sentido socioeconômico, mas, ele direciona a uma leitura espiritualizada do texto:

[...] porque a penúria dos pobres os traz à humildade mais facilmente do que a confortável abundância do rico, o relato que Mateus faz do sermão torna evidente que Jesus não está falando da pobreza econômica. Não é impossível para o pobre ser arrogante nem para o rico ser humilde. Estes "pobres" são aqueles que, possuindo pouco ou muito, têm consciência de seu próprio vazio espiritual.⁴⁴

É uma abordagem que espiritualiza o texto, enquanto o evangelho mateano, sendo de raiz judaica, conforme expusemos no capítulo I, trabalha com situações e pessoas concretas e dentro de um contexto; este autor trouxe esta obra diretamente para o dia de hoje sem enraizá-la na sua história. Cabe ainda outra crítica à obra do autor: uma certa relatividade entre o pobre e o rico; o “pobre” ao qual ele se dirige não necessariamente está ligado à condição econômica. Assim, o texto perde o sentido e a força profética. Em Overman⁴⁵, as bem-aventuranças, assim como as demais, descreve, em termos ideais, os

⁴² Cf. SCHOKEL, L. A. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Ed. Paulus, 1997. pp. 22-23.

⁴³ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p.179. Jaque Dupont segue a mesma linha de pensamentos, quando faz referência ao sermão da planície ao afirmar que a pobreza nas bem-aventuranças como algo contrário a um ideal, antes, que devemos lutar contra a pobreza. O ideal é a caridade pelos pobres. Cf. A mensagem das Bem aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, nº 24, 1982. p. 23.”

⁴⁴ EARNHART, Paul. O Sermão da Montanha. Extraíndo os Tesouros das Escrituras: Exposições Práticas. São Paulo, 1997. p. 17. Disponível em PDF.

⁴⁵ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 179.

traços e características dos membros da comunidade.⁴⁶ Os *pobres em espírito* são aqueles atingidos pela injustiça. Esses são descritos em salmos como oprimidos pelo malvado: Salmo 10, 1-3; 34, 17.22-23; 68, 1-2; 82; Jó 24.

A palavra hebraica *anawin* evoca a imagem de “curvos”, “curvados” ou “que se curvam”. É a atitude do fraco, que não é capaz de resistir e de se defender, que é obrigado a ceder diante dos poderosos. [...] Em hebraico, o pobre é considerado principalmente como um ser humilhado [...] que não consegue fazer respeitar seus direitos.⁴⁷

Na proclamação de Jesus sobre o Reino de Deus (3,2; 4,17) e através de suas curas (4,23; 28) começa uma mudança, como indica o tempo presente (*é deles*). O poder de Jesus sobre demônios, pecado e infortúnios, mostra que o *status quo* não é definitivo, e antecipa a consumação dos propósitos de Deus. Jesus anuncia para a nova comunidade a esperança de um novo céu e terra futuros, onde a vontade de Deus se realiza (6,10; 19,28)⁴⁸.

A primeira bem-aventurança se refere aos pobres em espírito [...] Mateus tem à sua frente os empobrecidos de suas comunidades. Eles são os interlocutores das bem-aventuranças. Trata-se de pobres conforme encontramos descritos em Amós 8, 4-6 e Sofonias 2, 3. Aqueles que estão na penúria da opressão – os que não têm mais nada a perder. Por não ter nenhum apoio na justiça da sociedade, tais pessoas depositam sua esperança em Deus (Sl 40, 18). Eles são felizes não por serem pobres, mas porque estão recebendo a missão de construir o Reino.⁴⁹

A promessa da Bem-aventurança aos destinatários e protagonistas da missão messiânica, refere-se aos pobres que assumem a pobreza como forma de retaliação à suntuosidade do império vigente (4, 8-10).⁵⁰ E, então, se diz sobre a parábola dos dois senhores: é impossível servir a Deus e ao dinheiro (6,24).

⁴⁶Cf. OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 100.

⁴⁷ A MENSAGEM DAS BEM-AVENTURANÇAS. São Paulo: Ed. Paulinas, nº 24, 1982. p. 63.

⁴⁸ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 180.

⁴⁹ CNBB. Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: O Evangelho segundo Mateus. São Paulo: Ed. Loyola, 1998. p. 52.

⁵⁰ Em Jacques Dupont “os pobres são vistos como os beneficiários privilegiados do Reino de Deus” e que tal privilégio “deve ser procurado, não por uma análise gratuita da psicologia dos próprios pobres, mas no conteúdo da boa-nova que lhe é anunciada. DUPONT, Jacques. “Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos”, in DUPONT, Jacques – GEORGE, Augustin et al. A pobreza evangélica.

- **5,4:** A palavra “anawin” denota outros sentidos além do “manso”. A palavra traduzida por manso vem da palavra hebraica “anaw”, e pode significar: ser aflito, sofrido, humilde ou ainda aquele que sofre injustiça e não pode fazer valer seus direitos, oprimido, desvalido, despossuído em seu sentido judicial.⁵¹ Assim os “anawin” são os pobres sociológicos.⁵² A felicitação dos mansos não se refere à pessoa fraca, gentil e passiva. Jesus, neste discurso, cita parcialmente o Salmo 37 que designa o impotente e o humilhado a implorar a Deus para salvá-los do mal.⁵³ Os mansos devem levar uma vida reta, à procura da vontade de Deus, ainda que Ele pareça não ouvir. Ser manso é evitar a retaliação, mas, também buscar expectativas. Jesus está entre os mansos (11,29; 21,5).

A promessa de Deus é a herança da terra, outro campo que não pode ser espiritualizado. A desigualdade na distribuição das terras terminará. Deus é o dono de tudo e o ser humano só administrador/a. “A comunidade tem direito de acesso aos recursos necessários. Assim, ela resiste à exploração econômica e à acumulação da terra”.⁵⁴ Quando Deus reinar, distribuirá a terra em igualdade. Esta bem-aventurança desafia o poder vigente que sustenta um sistema desigual voltada à elite e à custa dos camponeses vivendo de subsistências.

- **5,5:** A palavra ‘aflitos’, em sua raiz hebraica, aparece poucas vezes nas Escrituras, e está ligada mais à perda de alguém, pois refere-se à palavra consolação. E a raiz de consolação, na língua hebraica, está ligada a uma situação dramática em que o povo vive. Quando este povo sentir suas forças indo embora, clama a Deus por socorro e sabe que Deus o ouvirá.⁵⁵

“A quarta bem-aventurança volta-se aos *aflitos*, que sofrem por conta das consequências destrutivas dos poderes imperiais como Roma. São os seus algozes, a elite poderosa (Is 3, 26; Jr 4, 28; 14, 2) e outras nações (16, 9; 19, 8)”.⁵⁶ Frei Betto (2014)⁵⁷

⁵¹ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p.33.

⁵² *Ibide.*, p. 63, 86.

⁵³ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 181.

⁵⁴ *Ibide.*

⁵⁵ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p.89, 105.

⁵⁶ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 180.

⁵⁷ Cf. FREI BETTO. Oito vias para ser feliz. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 61.

relaciona está bem aventurança à ação do próprio Jesus que se afligiu (Lc 19,41-44), se comoveu junto à multidão faminta (Mc 6,34). Em sua aflição por um mundo de justiça e paz, Jesus combateu a fome (Mc 6, 30-44); a doença (Mt 4, 24); os males da natureza (Mt 14, 32; e 8, 23-27); os maus espíritos (Mc , 23-27; Lc 4, 13); a ignorância (Mt 9, 35; Mc 1, 22); a solidão e o abandono (Mt 9, 36; 11, 28-30); o medo (Mt 28, 10; Mc 6, 50); as leis opressivas (Mt 12, 1-5; 23, 13-15; Mc 2, 23-28).

No novo comentário de São Jerônimo (2011)⁵⁸ os aflitos são aqueles que deploram por verem o mal reinar na terra. Mas este termo é muito genérico e ainda não se voltaria ao contexto específico em que a comunidade de Mateus vivia e na qual se embasou ao direcionar a bem-aventurança dos aflitos. Com ela, Jesus promete que a opressão e deploração não são as palavras finais. Eles serão confortados. O verbo, no passivo futuro, sugere a ação divina que acabará com a opressão, estabelecerá a justiça de recursos e relacionamentos restaurados, fará desnecessária a deploração, e mudará a tristeza em alegria (Is 60, 20; 61, 1-3; 66, 10). “O tempo futuro (será), melhor que o presente (é) do v.3, aponta para a consumação futura do império de Deus.”⁵⁹ Earnhart (1997), uma vez mais levará ao campo espiritualizado esta Bem-aventurança:

"Bem-aventurados os que choram" (Mateus 5:4). Os homens têm sido educados para acreditar que lágrimas têm que ser evitadas, para ganhar felicidade. Jesus simplesmente diz que isto não é verdade. Há certa tristeza que tem que ser abraçada, não porque ela é inevitável e a luta fútil, mas porque a verdadeira felicidade é impossível sem ela. Até mesmo a aflição que é inevitável aos homens mortais, seja qual for sua condição, pode ter efeitos saudáveis sobre nossas vidas, se permitirmos que assim seja.⁶⁰

Desta forma, legítima as causas de aflição; então, tudo se torna permitido. É como se o autor consentisse e motivasse na busca da tristeza como algo bom, como “purificação”, ou estivesse servindo de consolo a alguém, quando, na verdade, o texto clama por justiça diante de uma realidade injusta, com pessoas reais e que hoje, nitidamente, continua acontecendo.

⁵⁸ Cf. BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A. e MURPHY, R. E. (Eds.). Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemático. Santo André/São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2011. p. 150.

⁵⁹ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 181.

⁶⁰ EARNHART, Paul. O Sermão da Montanha. Extraindo os Tesouros das Escrituras: Exposições Práticas. São Paulo, 1997. p. 7. Disponível em PDF.

- **5,6:** O estudo da palavra justiça exige reflexão, pois desvela sua amplitude no primeiro testamento. As palavras *tsedakah* e *tsedek* designam justiça. Na maior parte das vezes a *tsedek* significa justiça ligada às relações entre humanos, enquanto que, *tsedakah* refere-se a um atributo próprio de Deus. Nos livros da Bíblia percebe-se a diferenciação do uso dessas palavras. “Enquanto que nos salmos proclama-se a justiça do Senhor, e o justo perseguido clama por Ele, pedindo-lhe justiça, nos profetas as injustiças são denunciadas e desmascaradas.”⁶¹ A justiça nas Escrituras não é apenas uma exigência social, mas também garante a dimensão própria de teologia, uma vez que é um atributo próprio de Deus. A justiça tem uma grande importância, pois ela está diretamente ligada à fé em Deus e na organização da sociedade, em que o direito de todos é preservado e a vida dos mais frágeis defendida.

Felizes os que têm fome e sede da justiça. Tanto esta como a oitava bem-aventurança (5, 10), se refere à justiça, e em ambas, as pessoas têm fome e sede por conta de tantas injustiças vividas e porque sabem que não é a vontade de Deus. Estão ansiosas pela ação de Deus para que todas as coisas sejam colocadas em seu devido lugar. A retidão aqui significa relações sociais retas e recursos adequados para viver (5, 5 terras; 6, 11 pães). É voltada às pessoas em que a justiça lhes foi negada, que não tem razão e nem causa para esperar, e nem, portanto, causa para alegrar-se.⁶² Na comunidade de Mateus esta bem-aventurança designa o comportamento daquele que adere ao projeto do Reino:

A justiça em Mateus aparece como uma ideia abrangente para ações, comportamentos e disposições dos discípulos e seguidores de Jesus, e, portanto, dos membros da comunidade de Mateus (...) A justiça no Sermão da montanha é a meta que os membros da comunidade devem perseguir. Os que serão saciados são os que têm fome e sede da justiça (Mt 5,6.). Aqui, Justiça refere-se ao desejo, e esforço dos membros para viver de uma maneira para a qual Mateus acredita que eles foram chamados.⁶³

Esta bem-aventurança resume tanto a dos aflitos (v. 4) como a dos mansos (v. 5). Sem a justiça, o ser humano encontra-se em situação de morte. O reinado de Deus que é a prática da justiça significa firmar uma sociedade humanizada, distributiva e promotora da dignidade humana, mas, tudo isso passa pela via das ações concretas.

⁶¹ OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p.107.

⁶² Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 182.

⁶³ OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 98.

Em Mt 5, 10 parece referir-se àqueles membros que, de alguma forma, foram perseguidos por conta da sua obediência às exigências do seguimento a Jesus, porque de fato aderiram ao projeto de Jesus na construção do Reino.⁶⁴ Conforme Frei Betto (2014, p. 78)⁶⁵ tanto a quarta como a oitava bem-aventurança referem-se às pessoas que lutam incessantemente pela justiça, serão saciados porque a justiça haverá de prevalecer na história humana por mais condicionantes injustos e corruptos que tiverem. Porque deles é o Reino dos céus; é pela ação deles que a construção do Reino acontece e é colocado em prática.

- **5,7:** A palavra misericórdia em hebraico tem dois significados: ter compaixão, compadecer-se (enquanto verbo); e útero, ventre materno, mãe (enquanto substantivo).⁶⁶ Entre as derivações tem-se também a palavra “*rahamim*”, substantivo plural abstrato que se traduz por vísceras, entranhas, sentimento de amor, compaixão.⁶⁷ O hebraico faz uso de “*rahamim*” para referenciar sobre os sentimentos das pessoas e até mesmo de Deus.

A expressão *rahamim* é sintetizadora de sentimentos que mobilizam homens e mulheres pela compaixão, misericórdia, pela força criadora de afirmar a vida em meios a situações de morte. A palavra parece associada a questões profundas de ameaça à vida dentro das relações sociais.⁶⁸

A Bem-aventurança aos misericordiosos não se refere às pessoas sensíveis, mas, aquelas que agem com misericórdia.⁶⁹ Para Carter⁷⁰, ser misericordioso é de importância fundamental (Pr 14, 21; Os 6, 6; Tb 4, 5-7). O Reino de Deus é transformador e vivificador (cf. Ex 34, 6) e aqueles que o encontram devem ser misericordiosos. A misericórdia perdoa (6, 12. 14s), estende o amor ao inimigo, marginais, estrangeiros e mulheres (5, 38-48; 15, 22) e desta forma, sinaliza o Reino dos Céus. Muitos autores afirmam a promessa “receberão a misericórdia” através do passivo futuro como indicativo escatológico, ou seja, no futuro juízo, Deus dará a sua misericórdia. Não obstante, o Reino de Deus começa

⁶⁴ Cf. *Ibide*.

⁶⁵ Cf. FREI BETTO. Oito vias para ser feliz. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 78.

⁶⁶ Cf. KIRST, N. et alii. Dicionário hebraico-português e aramaico-português. Petrópolis/Porto Alegre: Ed. Vozes/ Sinodal, 1989.

⁶⁷ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 149.

⁶⁸ *Ibide*, p. 150

⁶⁹ Cf. A MENSAGEM DAS BEM-AVENTURANÇAS. São Paulo: Ed. Paulinas, nº 24, 1982. p. , 58.

⁷⁰ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

aqui. Em Oliveira (2007) a bem-aventurança dos misericordiosos relaciona-se ao sentido espiritual:

A quinta bem-aventurança, ao contrário, orienta-nos para o próximo. De resto completa maravilhosamente a anterior. O ardor em procurar a justiça ou a perfeição como objetivo apontado pela quarta beatitude poderá levar, se for mal compreendido, a uma certa severidade para com os defeitos do próximo. Os puros são muitas vezes duros. É exatamente contra este perigo que a quinta bem-aventurança nos põe em guarda ao pedir aos discípulos de Jesus misericórdia para com o próximo.⁷¹

Aqui a autora cai na dimensão moral-comportamental, o que não corresponderia ao discurso de Mateus como um todo e nem, portanto, ao sermão da montanha. Tende a uma leitura espiritualizada, tirando assim, o texto de sua realidade.

- **5,8:** Para compreender a bem-aventurança dos puros de coração, é necessário antes entender o termo coração, e assim, nos aproximarmos do sentido em que Jesus proferiu. A palavra coração, em hebraico, tem muitos sentidos. Na Bíblia tem três sentidos: sede da vida consciente, atitude nas relações para com Deus e para com as pessoas, consciência, mentalidade. “Coração” é considerado como sede da vida consciente: memória, inteligência, imaginação, atenção, atividade de pensar, vontade, decisão e sentimentos.⁷²

Nas Escrituras, o coração, como sede da vida consciente, é o centro das decisões e fonte de sentimentos e emoções. No coração, a pessoa decide o rumo que quer dar à sua vida. O sopro divino no humano encontra-se no coração. Aí está a realidade mais profunda do ser humano. A presença divina não determina as escolhas. A pessoa pode ou não abrir-se a Deus. À medida que o homem se fecha à Palavra e obstina-se nos próprios caminhos, o coração endurece. (...) Por outro lado, aquele que acolhe a Palavra abre o caminho para uma mudança interior, favorecendo o crescimento da retidão, a integridade, a sensibilidade aos outros, a solidariedade para com os necessitados, o compromisso com a justiça e paz.⁷³

A sexta bem-aventurança diz respeito à integridade da disposição interna do humano e sua ação: “*Felizes os puros de coração, porque verão a Deus*”. O coração é o âmago do querer, decidir e atuar de uma pessoa entregue a Deus, ou de algo desvirtuado como o dinheiro (Mt 6,21).⁷⁴ Para Betto (2014, p.103)⁷⁵, o coração é lugar das intenções, e as mãos, como instrumentos para as ações, estão intimamente associados. Ter um coração puro significa esvaziá-lo de más intenções, maus sentimentos e ambições desmedidas. A promessa a esta felicitação é ver a Deus:

⁷¹ OLIVEIRA, Claudia Nascimento. A visão de felicidade no Novo Testamento Evangelho de Mateus: AS BEM-AVENTURANÇAS. 2007. Disponível em PDF.

⁷² Cf. SCHOKEL, L. A. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Ed. Paulus, 1997. pp. 333-337.

⁷³ OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 212.

⁷⁴ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 184.

⁷⁵ FREI BETTO. Oito vias para ser feliz. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 103.

A eles é prometido que verão a Deus. Ver Deus não é possível para os homens na era presente, como afirma Moisés (Ex 3, 6; 19, 21; 33, 20.23), mas é prometido ao justo (Sl 11, 7; 17, 15) presumivelmente na consumação dos propósitos de Deus (13, 43). É uma imagem de encontro íntimo, face a face, com Deus.⁷⁶

A pureza de coração no A.T. significava a purificação da impureza ritual e moral (Sl 24, 4; 51; Is 1, 10-20); em Mateus o sentido é diferente. A pureza de coração está próxima à justiça e inclui a fidelidade à aliança, a lealdade aos mandamentos de Deus, a adoração sincera.⁷⁷ Desta forma, está bem-aventurança dá-se pela santidade moral que tornará o humano digno de se aproximar de Deus. Não se trata daqueles que somente têm boas intenções, mas, refere-se àquele coração do qual procedem atos bons, concretos. Vê-se assim a integridade dos que se aproximam de Deus, de relacionar-se com ele sem a necessidade de recorrer a prescrições rituais.⁷⁸

- **5,9:** Na bíblia hebraica a palavra paz aparece mais de 200 vezes; denota a importância desta para o povo de Israel. No dicionário, a palavra paz-“shalom” aparece com os seguintes significados: ser completo, inteiro, e também, o significado dinâmico que é “ter uma vida feliz, abundante.”⁷⁹ Nas Escrituras, a paz abrange toda a vida pessoal e coletiva. Os provérbios reforçam a sua importância na vida da comunidade judaica. A responsabilidade pela paz é de todos; a grandeza da paz transforma-se num contínuo apelo para construí-la.⁸⁰

Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Para Mateus, aqueles que estabelecem ou buscam a paz, não são necessariamente os que se desapegam das circunstâncias e também não se refere à paz pelo derramamento de sangue, como o império romano atribuía a si. Esta paz é a paz de Deus na qual todas as coisas estão em justa relação entre si e com seu Criador.⁸¹ O Reino de Deus neste mundo não provém de um estado natural, em que o humano é inerte no palco da história. Antes,

⁷⁶ CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 182.

⁷⁷ Cf. BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A. e MURPHY, R. E. (Eds.). Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemático. Santo André/São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2011. p. 150.

⁷⁸ A MENSAGEM DAS BEM-AVENTURANÇAS. São Paulo: Ed. Paulinas, nº 24, 1982. p. 80.

⁷⁹ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 213

⁸⁰ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 247.

⁸¹ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 184.

é um presente que terá uma consumação escatológica. Ou seja, a paz consiste na relação correta de todas as coisas com Deus. Os que buscam a paz procuram o Reino de Deus. A promessa a esta bem-aventurança é o convite a fazer a paz e viver como Deus faz (5, 48), e como Jesus o faz na implantação do Reino, e então serão filhos de Deus, pois viverão na intimidade, e viverão na integralidade dos propósitos de Deus.⁸²

- **5,10:** Faremos referência da bem aventurança aos perseguidos com o livro de Jó, pois é o que mais delinearía a justiça de forma concreta. A perda dos seus bens, o sangue derramado em sua casa, o abandono e negligência de seus parentes e amigos não foram capazes de matar a sua esperança e nem o sentido da justiça. Jó acredita no restabelecimento da justiça. Começa pelas obras, passa pela defesa dos injustiçados e chega ao dom total da própria vida.⁸³ O Reino de Deus procura e se constrói a partir de relações diferentes às da época, elimina toda opressão, de poder desigual e busca uma distribuição equitativa, acesso aos recursos. A perseguição acontece por conta da justiça. A resposta daquele que segue a Jesus à perseguição é perseverar na justiça: “Alegrai-vos e Regozijai-vos”: é esta a resposta de Deus à fidelidade dos discípulos. Carter (2002)⁸⁴ diz que a perseguição, em si mesma, não é nova. É assim que o mundo responderá aqueles que vivem a exigência e o dom de Deus “... foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós. (p. 115).”

Como os profetas do antigo Israel, a comunidade de Mateus será perseguida por seu comprometimento com a justiça e com a vontade de Deus. Isso, porém, é-lhes dito, é motivo de alegria, por causa da grande recompensa que espera por eles nos céus (...) a comunidade como sal e a luz do mundo, ensinam que os membros e seu comportamento desempenham um papel importante na missão da comunidade (...) isso faz com que eles glorifiquem a Deus.⁸⁵

As Bem-Aventuranças são dirigidas às comunidades seguidoras de Jesus, que assumem não como cumprimento meramente legislativo da lei, mas as compreendem como atitude, comportamento. Por isso, as oito bem-aventuranças possuem força profética, e restabelecem a esperança do povo oprimido. Serviu para animar, fortalecer,

⁸² *Ibide.*, p. 115.

⁸³ Cf. OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 282.

⁸⁴ Cf. CARTER, W. O evangelho de São Mateus: comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 115.

⁸⁵ OVERMAN, J. Andrew. O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 100.

encorajar, esclarecer essas primeiras comunidades frente suas angústias, empobrecimento, perseguição. São denúncia e anúncio. No terceiro capítulo vamos tentar apresentar como essas bem-aventuranças da comunidade de Mateus dos anos 80/85 ainda podem ser proféticas e propositoras de uma espiritualidade coerente com o Evangelho hoje.

CAPÍTULO III

3.1 As correntes de espiritualidade hoje

Ficamos com a cabeça cheia de discursos sobre Deus, sabemos falar de Deus, sobre Deus, e até falar com Deus. Mas somos analfabetos quando se trata de deixar Deus falar em nós. Isto soa, no mínimo, muito estranho aos nossos ouvidos.⁸⁶

No século XX, contexto da secularização, muitos temiam o fim da religião. A sociedade investia na ciência e na técnica como resposta aos problemas e dramas humanos, mas não foi o que aconteceu. De fato, houve grande proliferação religiosa na metade do sec. XX, pois a ciência não deu conta de responder às mais profundas indagações do ser humano. A sociedade ocidental, marcada pela racionalidade científica, suscitou certo tipo de espiritualidade provinda da Índia, do Paquistão para orientar os jovens na busca do contato com Deus transcendente. Muitos universitários procuraram por este tipo de espiritualidade como meditação transcendental, ou ainda procuravam mosteiros como resposta a esses anseios por um relacionamento imediato com Deus.⁸⁷

Pode-se considerar um fenômeno, uma aspiração à fuga, alienação, hedonismo, frente às mudanças que os últimos séculos proporcionaram, mas não deixa de ser um grito do ser humano pelo sentido da vida. Deixa claro que muita coisa precisava ser repensada. A busca de uma espiritualidade foi uma delas. Atualmente, por exemplo, está em alta a espiritualidade carismática que envolve o ser na dimensão trinitária e na dimensão pessoal. Outra espiritualidade, também em alta, é a que procede da teologia da prosperidade, muito próxima da teologia da retribuição. Esta segunda corrente de espiritualidade parte da compreensão de que a experiência religiosa solidifica e cresce à medida que a pessoa adquire, em um processo de mudança, bens no nível de vida econômico e social.

Muitas igrejas pentecostais e neopentecostais têm elaborado a espiritualidade da prosperidade e com isso mantido as pessoas nas redes do neoliberalismo, respaldadas por uma visão religiosa da realidade. Na base está o individualismo neoliberal com sua concepção de concorrência e competição de modo que vencem os mais fortes, os mais sabidos, os mais "vivos". Daí resulta o progresso.⁸⁸

⁸⁶ BETTO; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 35.

⁸⁷ Cf. TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MULLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre (Orgs.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre, 2004. p. 11. Disponível em PDF.

⁸⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Espiritualidade e Prosperidade*. Disponível em <<http://novo.ceseep.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Espiritualidade-da-prosperidade.pdf>> Acesso em 22 de outubro de 2017

Porém não podemos dizer que este tipo de espiritualidade se faça presente somente nas igrejas pentecostais ou neopentecostais; ela atingiu quase todas as religiões de tradição cristã. Diante de tantas outras correntes de espiritualidades que permeiam o nosso tempo, ficaremos apenas com essas: Carismática e prosperidade, pois nos apresentam um quadro religioso de nosso país. Podemos afirmar que existe, sim, uma forte busca pelo espiritual, pela relação com o sagrado, mas isso não significa uma busca pelas religiões. Até às mudanças advindas pelas diferentes revoluções dos últimos séculos, crescia uma espiritualidade de prática mais tradicional, a um modelo mais devocional do que bíblico e mais privado do que fraternal ou social.

3.2 Os significados da palavra Espiritualidade

Há cerca de três séculos, o termo “espiritualidade” passou a ser usado no Ocidente cristão, entretanto, existe um grande vácuo no significado desta palavra e também da palavra “espírito” que lhe deu origem. Houve um desgaste do conceito. Quando se indaga a qualquer denominação ou pessoa, as respostas são as mais evasivas ou vagas possíveis, ficando muito em torno de “opiniões” subjetivas.

Por vezes o termo espiritualidade foi extraído de uma filosofia, ideologia ou síntese doutrinal: espiritualidade judaica, espiritualidade cristã, a ortodoxa, a protestante e até a marxista... Algumas vezes recorreu-se à espiritualidade para designar a reivindicação de homens que se negavam identificar-se com meras máquinas: espiritualidade do trabalho, dos doentes, dos médicos, da ação católica. Outras vezes designa uma demanda religiosa: a espiritualidade dos sacerdotes diocesanos, dos leigos...⁸⁹

Com isso, o termo passou a ser usado também fora do espaço religioso possibilitando uma polissemia de sentidos. Como nosso trabalho não tem a intenção de tratar dessa polissemia de sentidos usados, nos restringiremos à concepção cristã enquanto Igreja, como lugar de experiência da comunhão com Deus, enquanto lugar de experiência da comunhão fraterna, enfim, a Igreja como essencialmente missionária. A Igreja depois Vaticano II reassume a sua identidade:

⁸⁹ TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MULLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre (Orgs.). Espiritualidade e qualidade de vida. Porto Alegre, 2004. p. 11. Disponível em PDF.

...Como povo inserido na sociedade, a caminho pela história, o qual experimenta a salvação como comunhão fraterna um momento de salvação. Comunhão com Deus e comunhão entre os homens são, com efeito, aspectos intimamente correlacionados e necessários do acontecimento único de salvação.⁹⁰

Assim, a espiritualidade não é um estado e sim uma forma de viver a fé cristã através da graça para, desta forma, participar da vida divina, na peregrinação terrestre. A consumação definitiva será quando Deus for tudo em todos (1Cor 15, 28). Não se deve reduzir a espiritualidade somente à sua dimensão interior. O ser humano, ontologicamente, como ser social, nos leva para a realidade da revelação.

O Vaticano II representou para toda a Igreja uma mudança de paradigma; foi um momento de rever toda a tradição e tornar-se mais próximo da realidade vivida pelos fiéis. A partir do Vaticano II, o Deus que se revela ao longo das Sagradas Escrituras, é percebido pelo viés histórico de um povo; é assim um Deus comunitário, que não se fecha em si mesmo, mas engajado com a vida social de seu povo. Ele se revela aberto à relação. Por isso não é um Deus que se vende em troca de orações e práticas devocionais.

Atualmente, em nossa sociedade, existem muitas “espiritualidades” que não ajudam o ser humano a viver seu ser integral, a assumir seu papel social, tema deste projeto. Não ajudam a torná-lo uma árvore frondosa e a assumir a sua dimensão profética pela qual todo o cristão batizado é convocado. Como vimos acima, muitos buscam uma espiritualidade esterilizante e individualista, fechada em si mesma. Buscam anestesiar suas consciências quanto ao compromisso que devem assumir diante da conjuntura social e política pela qual passa nosso país e assumir o compromisso com os marginalizados que sofrem a miséria por consequência da injusta distribuição e da monopolização da riqueza do país nas mãos de uma minoria que a cada dia que passa, fica mais rica.

Diante do quadro da Pós-Modernidade, a espiritualidade, muitas vezes, se configura a uma “fuga mundi”; não dialoga com a sociedade e não considera a sua situação. É necessário que a fé social cristã seja vivida no cotidiano. A Igreja, enquanto Instituição e povo de Deus deve abraçar um compromisso gerador de vida. E isto se dá através de uma espiritualidade enraizada na vida do povo como nos direciona o Concílio

⁹⁰ FIORES, Stefano; GOLFI, Tullo (org). Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Ed Paulinas, 1989. p. 561.

Vaticano II; uma espiritualidade cristã que se encarne na história e nas realidades humanas, assim como o documento *Gaudium et Spes* enfatiza:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS 1).⁹¹

A autêntica espiritualidade cristã, em sua remota origem, deve identificar-se com a história própria da humanidade partindo da luta pelo bem comum que deve permear a espiritualidade cristã, pois esta deve ser solidária e social. A espiritualidade cristã deve ser integral nestes dois deveres: “o amor a Deus e ao próximo, como equivalentes”, mandamentos de Jesus Cristo já expressos no segundo Testamento. O amor a Deus e ao próximo são correspondentes. O olhar do cristão deve estar voltado para o alto, em direção a Deus, mas supõe um olhar de misericórdia em seu sentido pleno, voltado ao seu “próximo” e às realidades seculares que o cercam.

Espiritualidade Integral, que inclui uma prática de Adoração, sem cair no risco do misticismo alienante, uma prática de Reflexão, sem cair no risco da aridez do academicismo, e uma prática de Ação, sem cair no risco do mero ativismo. Conhecer – Discernir – Interceder - Intervir, integram essa Espiritualidade Integral.⁹²

Essa Espiritualidade Integral nos orienta a intervir na História através de valores cristãos: a pessoa humana, a verdade, a liberdade, a justiça, a paz, a solidariedade, a democracia, em seus aspectos políticos, econômicos e sociais.

É neste sentido que as bem-aventuranças podem servir como caminho de reconstrução espiritual e social. Pois, conforme nos diz a *Lumen Gentium*: “... *Quanto mais formos pessoas de oração e profunda mística, nossa busca espiritual se manifestará em nossas ações no compromisso social, pois, Deus não quis nos salvar individualmente, mas nos unir em comunidade (LG 2).*”⁹³

⁹¹ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

⁹² CAVALCANTI, Robinson. Espiritualidade e consciência política. Disponível em <<http://www.pavablog.com/2010/09/15/espiritualidade-e-consciencia-politica/>> Acesso em 15 de outubro de 2017.

⁹³ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

3.3 A espiritualidade a partir das bem-aventuranças como um caminho de reconstrução social.

As bem-aventuranças, como nosso estudo já apresentou nos capítulos anteriores, nos remete primeiramente à reflexão sobre a mensagem por traz do discurso. Possibilita-nos retornar à fonte na qual hauriu as condições de miséria e injustiça causadas por um governo corrupto, o Império Romano, uma elite exploradora, a aristocracia e uma religião judaica que mais excluía que incluía, gerando uma situação de empobrecimento e injustiças sociais. Um bom grupo destes excluídos e marginalizados da sociedade pertenciam às comunidades cristãs, dentre elas a de Mateus.

Desta forma, nos aproximamos do chão de onde provém nossa comunidade, para assim iluminar as nossas comunidades de hoje, sem que o texto original perca a sua força de denúncia, transformação, resistência, fé, e seja distante de seus verdadeiros destinatários. Conforme vimos no segundo capítulo, as bem-aventuranças oferecem tanto um caminho de reconstrução social como um caminho de espiritualidade integral. Tendo como seu centro o Reino, uma realidade que começa no aqui e agora, mas que nos remete à expectativa escatológica, prioriza a justiça e a busca da misericórdia. A partir das bem-aventuranças temos as exigências, as atitudes, os valores, do que significa ser um/a verdadeiro/a seguidor/a de Jesus, identidade da Igreja em saída.

- A espiritualidade da bem-aventurança do *pobre de/em espírito* oferece um campo de ação a partir do seu contexto: a realidade de pobreza da América Latina. Identificamos também os destinatários: os sem terras, favelados, mulheres, meninos e meninas de rua..., verificando se, de fato, esta bem-aventurança hoje está voltada a eles/as; trata-se do projeto do Reino de Deus à uma vida plena que inicia já aqui e agora. É-lhes prometido o Reino dos Céus, através da luta por seus direitos fundamentais violados ou negligenciados, e é daí onde surgem movimentos por direitos humanos numa perspectiva social. Este Reino acontece à medida que sua dignidade humana é reconhecida: direito à moradia, saúde, participação política, inclusão social. Esta bem-aventurança urge por aqueles que se deixam inspirar pela utopia originária do cristianismo, de uma sociedade fraternal/sororal, justa e participativa: “Nesse contexto, ganha sentido falar-se de espiritualidade e de Deus, não como realidades pensadas em si mesmas, mas como

referências presentes nos embates, nas grandes decisões, nos avanços e recuos, enfim, no drama humano e histórico.”⁹⁴

- A espiritualidade das bem-aventuranças dos que *choram e dos mansos*, nos remetem às pessoas que, mesmo sofrendo pelas situações de injustiça, marginalização e dramas humanos, não se deixam enganar ou ficar à margem da própria situação em que vivem; que não deixam apagar o fogo da esperança. “Cristo é a encarnação da bem-aventurança dos aflitos, porque se afligiu e experimentou a aflição ao compadecer-se de nós.”⁹⁵ Conforme Haerig (1975)⁹⁶, assim, aquele/a que está no seguimento a Cristo não pode ser alheio às bem-aventuranças, e ao mesmo tempo precisa reconhecer que o pecado social é terrível quando não se evita o mal da injustiça e quando não se faz a denúncia da mesma, aumentando assim a miséria e escravidão do pecado no mundo.

- Na bem-aventurança *àqueles que têm fome e sede de Justiça*, a justiça está ligada às relações humanas. A justiça é atributo de Deus, portanto, refere-se tanto à dimensão social, mas também teologal; está ligada a fé em Deus e na organização social. Está felicitação oferece, ou deveria garantir o direito fundamental a todos e que a vida dos mais frágeis seja defendida. E este ideal só pode ser alcançado se houver o engajamento da pessoa: “daqueles que têm fome e sede de justiça”. Uma espiritualidade que não leve as pessoas a ações concretas de engajamento, denúncia às injustiças e promoção dos direitos humanos, é uma espiritualidade infértil e debilitante, fechada em si mesma e silenciosa diante do mandamento do “amor ao próximo”. “Quem não tem olhos para perceber a injustiça presente nas atuais estruturas sociais, nas leis, na convivência do judiciário com os ricos e poderosos, nos abusos policiais...esse também não têm fome e sede de Justiça”.⁹⁷

- As bem-aventuranças *dos misericordiosos, dos puros de coração e pacificadores* referem-se ao centro, ao coração de onde nascem as intenções e ações humanas. Não estão voltadas para as pessoas pacíficas em seu sentido literal, daquelas que cruzam os braços ou ainda daquelas que se acomodam em suas devoções, e não são capazes de se

⁹⁴ BETTO; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 11.

⁹⁵ HAERING, Bernhard. *As bem-aventuranças: Testemunho e engajamento social*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1976. p. 35.

⁹⁶ *Ibid.*

⁹⁷ FREI BETTO. *Oito vias para ser feliz*. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 53.

comoverem interiormente com a situação exterior que as circundam. Mas aquelas/es que têm atitude misericordiosa, reta intenção em uma espiritualidade de engajamento social “*É pelos seus frutos, portanto, que os conhecereis* (Mt, 7, 20).” A pessoa humana se caracteriza para além de um sistema e compreensão ou de formas de convivência, ela como um mistério, se apresenta sob várias formas. Por um lado pode vir carregada de ternura, já por outro pode revelar sua capacidade de destruir tudo, partindo do coração.⁹⁸ Como diz Jesus, “*não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro* (Mt 15, 11).” Tudo parte do coração:

O órgão para captar este mistério é o coração e aquilo que Pascal chamou *esprit de finesse*, espírito de fineza. É uma atitude de simpatia fundamental, uma capacidade básica de sentir os outros em sua situação concreta (coração). Pelo espírito de fineza nos descobrimos como vulneráveis. Somos afetados pelos outros e podemos afetá-los, despojando-nos do cálculo, do interesse e da vontade de poder (*esprit de géometrie*).⁹⁹

Misericordioso é aquele que sai de si para ir ao encontro do necessitado, que sente em si a dor do seu próximo. Misericordioso é aquele que admite em sua consciência de estar a serviço assim como Jesus ensinou seus discípulos/as. Jesus serviu ao próximo ao operar curas (Mc 10,45), quando foi justo com a mulher adúltera (Jo 8,11), quando reconheceu e aceitou o amor da pecadora que lhe enxugou os pés (Lc 7, 47), entre tantas outras ações de misericórdia.¹⁰⁰

Os *puros de coração* são aqueles que não cedem à corrupção, que não se inclinam ao mal; ter um coração puro significa esvaziá-lo das más intenções. A transparência de coração permite ver Deus através de Jesus (Jo 14,9) à medida que se vai deixando trabalhar o coração de pedra, que se compadece frente à dor alheia, adquirindo assim um coração de carne, processo humano e divino que nos humaniza e diviniza.

E por fim a bem aventurança *àqueles que anseiam pela paz*:

Se o amor e a justiça se colocam como frutos objetivos, do ponto de vista subjetivo os frutos são a paz e o destemor. O contrário do medo não é a coragem, é a fé. A espiritualidade evangélica que nos leva à paz interior. A paz do cristão não se faz de muros ou de ausência de conflitos, mas da absoluta segurança de que Deus é Senhor da nossa vida. Haja o que houver, não há nada que possa romper essa unidade. Portanto, destemor. Podemos medir como anda nossa fé pelo nível de medo que sentimos diante da vida. O destemor suscita a atitude profética.¹⁰¹

⁹⁸ Cf. BETTO; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 15.

⁹⁹ *Ibide*.

¹⁰⁰ FREI BETTO. *Oito vias para ser feliz*. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 88.

¹⁰¹ BETTO; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 15.

Desta forma, tomamos em análise que um coração misericordioso é aquele que sofre com o outro/a, a dor torna-se a sua, e acontece então uma atitude de abertura a pureza de coração, em busca pelos valores do Reino à medida em que se vai deixando Deus lapidar a sua história. Vai se suscitando assim, uma pessoa pacífica que busca alimentar sua ação conforme sua consciência cristã, sem medos e temores rumo à direção da profecia enquanto denúncia de injustiças sociais. O termo “shalom” vai além da paz. Trata-se do bem-estar completo, quer dizer estar completo no sentido integral da palavra. Esta se remete à felicidade, ao sentido mais profundo da paz, paz com Deus e, por consequência, com o próximo. Porém, a paz não é uma mágica, mas uma realidade que vai sendo construída, o que, na maior parte das vezes, dá-se por meio de conflitos. Ela faz parte da responsabilidade de todos, mas cabe ao governo garanti-la, quando é comprometido com o princípio da justiça e a defesa dos pobres e explorados. “Somente homens e mulheres comprometidos com o povo e com Deus podem transformar-se em construtores da paz.”¹⁰²

- E por último, a bem aventurança *dos perseguidos por causa da justiça*, volta novamente ao tema central que é a justiça. O que entendemos com a ação das bem-aventuranças, é que por traz vemos a mística de Jesus, uma mística que não teme pelo conflito. “O núcleo da espiritualidade de Jesus para poder viver e conviver com o conflito era a intimidade com Deus (...). Deus era nele, uma experiência de amor (...). Outra característica é que Jesus rezava em meio à conflitividade da vida pública”.¹⁰³ O próprio Evangelho de Mateus reafirma isso no capítulo 10, onde fala do chamado aos/as seguidores/as:

Jesus, “sinal de contradição” (Lc 2,34), sabia que sua mensagem criaria polêmicas, suscitaria ódio, provocaria perseguição. Tivesse pregado uma mensagem puramente espiritualista, de mero caráter subjetivo, não incomodaria ninguém. Sua palavra, entretanto, não se restringia a um compromisso, e sim apenas alívio e consolo. Suas atitudes e palavras tiveram forte ressonância política.¹⁰⁴

Quem faz a opção pela justiça sofre perseguição, não porque essa seja necessária, mas porque a justiça não é um valor crível no mundo e muitas vezes dentro das próprias religiões. Na situação de desigualdade em que vivemos não nos cabe a neutralidade.

¹⁰² OLIVEIRA, Ivone Brandão. Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p. 247.

¹⁰³ BETTO; BOFF, Leonardo. Mística e Espiritualidade. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 35.

¹⁰⁴ FREI BETTO. Oito vias para ser feliz. São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 121.

Exige-se do autêntico/a cristão/ã uma postura, um posicionamento frente ao seguimento a Jesus, o que trará um envolvimento social. Por outro lado, uma espiritualidade que não leve estas exigências em consideração, baseando-se no “*Senhor, Senhor*”, mas que não faz a vontade de Deus, no cumprimento do seu Reino que já começa aqui, torna-se vazia, e compactua com a estrutura de injustiça.

3.4 Uma proposta

Se a Igreja inicia um processo de mudança em si mesma é porque defronta-se com o desafio de um novo “mundo” que surge e diante do qual deve tomar medidas para arraigar sua mensagem missionária e o Espírito que a habita, como sacramento de salvação “nesta” sociedade e “nesta” história.¹⁰⁵

Cada modelo de Igreja deve ser compreendido dentro de um determinado contexto, cultura, filosofia de vida e desafio missionário. Ou seja, o que faz um bom modelo de Igreja não é a forma como cada modelo se dá na história, mas a sua maior fidelidade à mensagem de seu Fundador e sua maior fidelidade ao Espírito que fala para determinada história e em determinado mundo social.¹⁰⁶ Cada modelo de Igreja está suscetível às mudanças, mudanças profundas que levam a novos modelos de integração, renovando, de acordo com o modelo, para oferecer a garantia de manter a unidade, criar consenso e educar a fé em um novo contexto. “A globalidade e a coerência do modelo de Igreja gera naturalmente um “modelo de teologia”, no sentido dos temas, das tônicas e da metodologia que a teologia tende a privilegiar. E gera também um “modelo de espiritualidade” no mesmo sentido.”¹⁰⁷ Este é o ponto que o trabalho desenvolvido até aqui quer chegar.

Na Igreja da América Latina é necessário ressaltar os caminhos da renovação, em contraste com uma situação que se tornou insuficiente, como uma liturgia extremamente clerical, afastada do povo; a pregação devocional e moralizante; o modelo de vida religiosa muito clericalizada, entre outros pontos. É necessária uma Igreja de espiritualidade integral, que resgate a dignidade humana do povo de Deus, passando pelo viés do mundo social e político conforme um modelo renovado. A Igreja precisa interagir com esta realidade que permeia, condiciona ou até mesmo determina a vida dos/as

¹⁰⁵ Cf. GALILEA, Segundo. A Igreja das Bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980. p. 11.

¹⁰⁶ *Ibide.*, p. 15.

¹⁰⁷ *Ibide.*, p. 18

marginalizados/as. O modelo de Igreja deve direcionar na busca em termos de crítica evangélica da sociedade, libertar-se de ideologias, governos e outros poderes que as sustentam, para que de fato: “Sua função em relação aos despossuídos/as integrar a serviço da caridade a luta pela justiça, os direitos humanos e a libertação.”¹⁰⁸

Tanto o Concílio Vaticano II nos documentos dogmáticos (Dei Verbum, Lumen Gentium) e constituições pastorais (Sacrosanctum Concilium, Ad Gentes) e também a Conferência de Medellín, ao abordar alguns temas centrais, tais como a educação na América Latina, a realidade da “pastoral de massa” e a necessidade de renovação, como a catequese, a participação dos movimentos dos leigos, a formação do clero e por fim, a pobreza da Igreja: realidade da América Latina (Medellin, 1975, p. 47, 67, 83, 99, 131, 143)¹⁰⁹ estimularam essas renovações institucionais seguindo a lógica do Espírito. E isto em todos os níveis de organização eclesial, Vida religiosa ou sociedades missionárias. As mudanças institucionais, porém, não são suficientes; aliás, seriam superficiais. São as motivações que inspiram novas opções: “É a motivação do Espírito. Por isso, falar de motivações no cristianismo significa falar de mística, de espiritualidade (...). Assim a renovação institucional e funcional da Igreja requer uma renovação de sua mística.”¹¹⁰ A espiritualidade não é apenas uma ciência ela é a própria seiva da pastoral, da teologia e da comunidade.

Neste contexto, não houve uma renovação mística, que se manteve “tradicional”, coerente com a antiga visão de fé e de missão e incoerente com as novas experiências eclesiais (...) uma mística que não nutre a experiência humana deixa de ter significação (...), mas sim em renovar profundamente a fé e a espiritualidade.”¹¹¹

Os/as cristãos/ãs devem, desta forma, viver a espiritualidade do compromisso, a necessidade da prática religiosa com o modelo de espiritualidade que é de índole da própria fé, esperança e amor cristão. Se não for desta forma, não existe cristianismo, e nem espiritualidade. É necessário fazer de sua fé um compromisso, contudo, a fé, esperança e amor devem ter relevância na reconstrução da sociedade, implicando na luta pela justiça e pela libertação dos oprimidos: “(...) a injustiça econômica, o abuso do poder político em relação aos direitos humanos, a exploração da mulher (...). Daí a importância

¹⁰⁸ *Ibide.*, p. 28.

¹⁰⁹ Cf. CELAM. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas. 2ª edição, 1975. p. 12, 47, 67, 83, 99, 131, 143.

¹¹⁰ GALILEA, Segundo. A Igreja das Bem-aventuranças. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980. p. 36.

¹¹¹ *Ibide.*

da libertação na pastoral e na teologia.”¹¹² Através da espiritualidade do compromisso, se reaviva a importância dos sacramentos na vida, de certa forma a penitência e a Eucaristia.

A estrutura sacramental da Igreja é o sinal da presença histórica e social da graça no mundo, de que este não está dominado pelo “pecado estrutural”, mas sim pela “graça estrutural” que se propaga na sociedade por causa de Cristo e que emerge visivelmente na sacramentalidade da Igreja (...). Toda a mística de compromisso e de libertação significa reconhecer que nossos esforços são vãos quando divorciados da graça estrutural que renova a raiz da história.¹¹³

Toda esta reflexão implica na identidade do/a verdadeiro/a cristão/ã, levando a pensar que, de fato, todos/as estamos a caminho do que Jesus nos propôs. Conversão para toda a vida. Desta forma, pensar numa proposta de espiritualidade a partir das bem-aventuranças como caminho também de reconstrução social pode representar um dos sinais dos tempos que muitos de nós teimamos em não aceitar. E talvez seja essa a nossa grande contribuição como cristãos/as para nossa sociedade. Partindo do testemunho de vida, a partir do encontro experiencial com Deus, é que poderemos apresentar aos outros/as um caminho de espiritualidade geradora de vida. Este desafio não é individual, mas participação de toda a Igreja. Como vimos no percurso deste trabalho, a missão da Igreja deve ser de inspiração e educação das consciências de todo cristão para ajudar a perceber uma fé integral que leve a exigências e responsabilidades de engajamentos social.

¹¹² *Ibide.*, p. 46.

¹¹³ *Ibide.*

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo abordamos um possível autor e características do evangelho de Mateus, o ano em que foi escrito e também todos os condicionantes históricos de pobreza e perseguição da comunidade de Mateus, por parte de Império de Roma e também de uma pequena elite judaica depois da queda de Jerusalém, por volta dos anos 70. O Evangelho pertence à uma segunda geração do movimento de Jesus. Desta forma, procura consolidar suas crenças e suas vidas e reconstruir a tradição de Israel de uma forma diferente daquela colocada pelo judaísmo farisaico. A comunidade tenta se reorganizar dentro da realidade de dominação socioeconômica e político-cultural romana. Vimos também a estrutura de todo o evangelho de Mateus, para desta, forma perceber o discurso das bem-aventuranças dentro de uma construção textual, com suas características e integralidade, e manter fiel aos elementos de sua mensagem. Já no segundo capítulo analisamos versículo por versículo da perícopes de Mt, 5, 1-12 e tentamos aproximar-nos do seu sentido primário que foi do que o nosso trabalho se ocupou. E por fim, no terceiro capítulo, passamos um pequeno histórico da espiritualidade em contexto geral no Ocidente até à realidade Latino Americana, seu significado e as correntes de espiritualidades vigentes.

Foi abordada a integralidade da espiritualidade como dinamismo do cristão inserido no compromisso social. E assim, necessidade de renovação da Instituição enquanto Igreja e não somente em suas estruturas, mas também, em sua teologia, para sinalizar os sinais do Vaticano II em uma espiritualidade encarnada com a história do povo, como foram as primeiras comunidades cristãs, partindo da luta em prol do bem comum, solidaria e social: *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a sua alma, de todo o entendimento, e com todas as tuas forças. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mc 12, 30s)”*. Não existe outra forma de ser cristão a não ser por esta via. Nenhuma outra forma de espiritualidade das bem-aventuranças que não passe pela dimensão pessoal, comunhão fraterna e também social, não poderá levar a um caminho autêntico de verdadeiro seguidor de Jesus, pois este assumiu a condição humana em todas as suas dimensões e se preocupou com os sofrimentos do seu povo causados por um Império corrompido. Hoje percebemos que muitas espiritualidades de cunho petencostal e carismático entram por uma vertente individualista e consumista, muitas

vezes preocupada com o materialismo exacerbado e um espiritualismo alienante da realidade fraterna e social.

Desta forma a metodologia utilizada neste trabalho, foi remeter as bem aventuranças em sua realidade nascente, entende-las em seu contexto, mantendo desta forma a força da sua profecia e eficácia, enquanto espiritualidade de transformação social e trazê-la para nossa atual realidade sem que esta perca a sua força propulsora de anúncio e denúncia. Este trabalho visou à fidelidade à mensagem das bem-aventuranças como espiritualidade, para desta forma, ser fiel à missão de reconstrução social onde toda a Igreja do povo de Deus é convocada, partindo sempre, do testemunho de vida pessoal e comunitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Ed. Paulus, 1995, 7ª Impressão.
- AAVV.** A MENSAGEM DAS BEM-AVENTURANÇAS. São Paulo: Ed. Paulinas, nº 24, 1982. p. , 58, 63, 80.
- BETTO; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 11, 15, 35.
- BRANCHER, Mercedes. **Maria entre as mulheres: Perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora.** São Paulo: Ed. Paulus, 2009. p. 55.
- BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A. e MURPHY, R. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemático. Santo André/São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2011. p. 150.
- CARTER, W. **O evangelho de São Mateus:** comentários sociopolíticos e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Ed. Paulus, 2002. p. 115, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 184.
- CELAM. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas. 2ª edições, 1975. p. 12, 47, 67, 83, 99, 131, 143.
- CNBB. Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: O Evangelho segundo Mateus. São Paulo: Ed. Loyola, 1998. p. 52.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Ed. Paulus, 1997.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Ed. Paulus, 1997.
- DUPONT, Jacques. “Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos”, in DUPONT, Jacques – GEORGE, Augustin et al. A pobreza evangélica.
- DUPONT, Jacques. **El Mensaje de las Bienaventuranzas.** Estella: Verbo Divino, 1993.
- FIORES, Stefano; GOLFI, Tullo (org). **Dicionário de Espiritualidade.** São Paulo: Ed Paulinas, 1989. p. 561.
- FREI BETTO. **Oito vias para ser feliz.** São Paulo: Ed. Planeta, 2014. p. 35, 53, 61, 88, 103, 121.

GALILEA, Segundo. **A Igreja das Bem-aventuranças**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980. p. 11, 15, 18, 30, 36, 43, 46.

HAERING, Bernhard. **As bem-aventuranças: Testemunho e engajamento social**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1976. p. 35.

LEGASSE, Simon. Caderno Bíblico Leitura do Evangelho Segundo Mateus. Santo André-SP: Ed. Academia Cristã, 2014, p. 52.

MARCONCINI, Benito. Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia. 3^o edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007. pp. 122, 123, 125.

OLIVEIRA, Ivone Brandão. **Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005. p.33, 63, 86, 89, 105, 107, 149, 150, 212, 213, 247, 282, .

OVERMAN, J. Andrew. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: O mundo social da comunidade de Mateus**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed. Loyola, 1997. Vol. 21. p. 47, 79-80, 98, 99, 100, 105.

RICHARD, Pablo (org.). O Evangelho de Mateus: *uma visão global e libertadora*. **O Evangelho de Mateus: A Igreja de Jesus, utopia de uma Igreja nova**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 27, São Paulo: Ed. Vozes. 1997. pp. 7-28.

REIMER, Ivone Richter. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: Contribuições para um mundo globalizado**. Goiás: Ed. Oikos, 2010. p. 20.

SCHOKEL, L. A. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Ed. Paulus, 1997. pp. 22-23, 82, 155, 333-337,509.

KIRST, N. et alii. Dicionário hebraico-português e aramaico-português. Petrópolis/Porto Alegre: Ed. Vozes/ Sinodal, 1989.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: História e literatura do cristianismo primitivo**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Ed. Paulus, 2005. Vol 2. p. 93, 188-189, 191, 192.

Sites:

CAVALCANTI, Robinson. **Espiritualidade e consciência política**. Disponível em <<http://www.pavablog.com/2010/09/15/espiritualidade-e-consciencia-politica/>> Acesso em 15 de outubro de 2017.

EARNHART, Paul. **O Sermão da Montanha. Extraindo os Tesouros das Escrituras: Exposições Práticas**. São Paulo, 1997. p. 7, 17. Disponível em PDF.

LIBÂNEO, José Carlos. **Espiritualidade e Prosperidade**. Disponível em <<http://novo.ceseep.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Espiritualidade-da-prosperidade.pdf>> Acesso em 22 de outubro de 2017

MARINHO, José Landes. **Os bem-aventurados do Reino de Deus**. Disponível em: <http://www.ofmsantoantonio.org/?p=4525> Acesso em: 26 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Cláudia Nascimento. **A visão de felicidade no Novo Testamento Evangelho de Mateus : *AS BEM-AVENTURANÇAS***. 2007. Disponível em PDF.

SCHLAEPFER, Frederico, Carlos. **A estrutura do Evangelho de Mateus**. Disponível em: <<http://www.itf.org.br/para-conhecer-a-estrutura-do-evangelho-de-mateus.html>>. Acesso em 22, setembro de 2017.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MULLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre (Orgs.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre, 2004. p. 11. Disponível em PDF.